



Blumenau *em Cadernos*

TOMO IV — OUTUBRO 1961 — Nº 10

Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A

Rua Iguaçu n.ºs 291 e 362 — Caixa Postal, 80

o Fone 1332

★ ★ GAZES E ATADURAS MEDICINAIS

★ ★ ★ ATADURAS GESSADAS

★ ★ ★ ALGODÃO HIDRÓFILO

★ ★
★ ★ ★ FRALDAS PARA BEBÊS

★ ★ FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS

★ ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE



BLUMENAU **em CADERNOS**

Tomo IV | OUTUBRO DE 1961 | N.º 10

EWERT VON KNORRING E SUA ESTADA EM JOINVILLE - (1850-1851)

CARLOS FICKER

Atendendo a solicitação de completar os dados históricos da publicação sobre "Augusta von Knorring" do N.º 6 dos "Cadernos", devo esclarecer que esta retificação somente será possível com breve revelação dos acontecimentos por ocasião da fundação da Colônia Dona Francisca, hoje Joinville, ou melhor — antes da fundação desta colônia em março de 1851.

Sendo justamente este primeiro período da colonização de Joinville objeto de estudo e um trabalho nosso, baseando-se minuciosamente em documentos históricos recentemente descobertos, portanto inéditos, recebem os leitores dos "Cadernos" com a presente "avant-première" com absoluta primazia um quadro histórico até então desconhecido.

Muito já foi escrito sobre a fundação da Colônia Dona Francisca. Chegaram os primeiros 118 colonos no local da colônia em 9 de março de 1851.

Por falta de documentos probatórios ou por falta de estudos mais profundos e detalhados, os diversos autores diferem nos pontos mais elementares e ignoram um fato histórico que somente agora será revelado.

Já em maio de 1850, portanto 10 meses antes da chegada do barco "Colon" com a primeira leva de imigrantes, havia no local da futura colônia um núcleo colonial de duas famílias de alemães, chefiadas por um engenheiro, que já em setembro de 1849 veio de Hamburgo em serviço da "Hamburger Colonisations Verein von 1849" para escolher o local mais apropriado para a instalação da colônia, nas terras do dote da Princesa Dona Francisca e já demarcados em 1846 pelo engenheiro da corte Jerônimo F. Coelho.

Demorou-se o engenheiro H. Gunther no Rio de Janeiro até os primeiros dias de maio de 1850 quando seguiu viagem num patacho costeiro, acompanhado pelo representante do Príncipe de Joinville, Snr. Léonce Aubé, o cozinheiro deste, Snr. Duvoisin, o comandante Vieira, do Imperial Corpo de Bombeiros — e mais duas famílias de colonos para abrir as primeiras brechas e picadas no mata virgem, construir os primeiros ranchos e fazer as plantações necessárias para possibilitar a vinda do primeiro navio de imigrantes da Europa.

Acompanhou também esta expedição — conforme nos conta Theodor Rodowicz, autor do primeiro livro sobre a colônia — a amásia do engenheiro Gunther de nome Julie Engell. Não encontramos outros documentos ou provas desta afirmação.

O que interessa no presente trabalho, é apenas o nome de uma das famílias pioneiras que fixou residência no local da futura cidade de Joinville, 10

meses antes da sua fundação: Ewert Sebastian von Knorring, sua mulher Sophia e a filha do casal, Mathilde Elisabeth Sophia.

Encontramos pois o casal von Knorring com a sua filhinha Mathilde entre os verdadeiros fundadores da Colônia Dona Francisca em maio de 1850!

Conforme a publicação no N.º 6 dos "Cadernos" sobre Augusta von Knorring", estes casaram em 1849 e embarcaram num navio norueguês "que trazia os primeiros colonos para Dona Francisca".

A primeira vista esta afirmação é errada, pois conforme a história oficial de Joinville, chegaram os primeiros colonos em março de 1851.

Realmente os von Knorring casaram em 1849 e embarcaram em maio de 1850 com a primeira expedição, levando a sua filha Mathilde, recém-nascida. Foram eles todos contratados pelo então procurador do senador Christian Mathias Schroeder no Rio de Janeiro, Sr. A. Liebich que também contratou a outra família que acompanhou a viagem.

Tiveram um fim trágico estes primeiros habitantes da colônia. Somente nos interessa aqui o destino da família von Knorring.

Na primeira "relação de imigrantes" manuscrito, encontramos observações valiosíssimas sobre o destino destes primeiros colonos:

Ewert Sebastian von Knorring (den 6 ten Juni 51 fortgeschickt!)

Auguste Sophia von Knorring (6 ten Juni fortgegangen)

Mathilde Elisabeth Sophia von Knorring († d. 3 ten Mai 51.)

Revelam estas observações posteriores, escritas pelo próprio Sr. Eduardo Schroeder e filho do Senador Christian Mathias Schroeder de Hamburgo, que assumiu o cargo de "Director der Colonie" durante os 20 meses da sua permanência na colônia que despachou o Sr. Ewert von Knorring (fortgeschickt!) por qualquer falta ou desentendimento. A mulher Auguste naturalmente acompanhou o marido (fortgegangen) e a filha Mathilde já faleceu dia 3 de maio de 1851!

O falecimento da filha Mathilde não podemos confirmar nos livros de óbitos da Comunidade Evangélica de Joinville pelo simples motivo de o primeiro pastor protestante somente ter chegado em 12 de dezembro de 1851 (Pastor Hoffmann) e todos os livros de óbito, casamento etc. começam com a data de 20 de dezembro de 1851 quando o pastor assumiu o seu cargo. De março a dezembro de 1851 todos os mortos enterrados sem atestado de óbito apenas encontramos a anotação na "relação dos imigrantes" do diretor da colônia.

Grassou na nova colônia nos primeiros meses epidemia de grande mortalidade e nas observações do Sr. Eduardo Schroeder (rubricadas pelo representante do Príncipe de Joinville, Sr. Léonce Aubé) encontramos o signo da morte † com fatal frequência.

Conforme a publicação nos "Cadernos" sobre os von Knorring, estes casaram em 1849 e somente mais tarde (3 anos) na Fazenda de Magé, o casal teve a filha Mathilde. Prova pois o manuscrito da "relação dos imigrantes" que o casal von Knorring já teve uma filha em 1850 que veio a falecer em maio de 1851 na Colônia Dona Francisca. A segunda filha nascida em Magé então recebeu o mesmo nome Mathilde.

Outro problema nasce no céu histórico.

A data da fundação de Joinville.

Oficializado o dia 9 de março de 1851, não quero, em absoluto, provocar confusão, atacando esta data sagrada.

Acontece porém que todos os documentos manuscritos em relação à Colônia Dona Francisca em forma de "Relatórios oficiais do Governo Imperial" acusam a data 10 de março de 1851 como dia da fundação. Evidentemente por ser esta a data da distribuição dos lotes de terra aos colonos recém chegados.

Surge agora nova perspectiva com nossa afirmação documentada, que já em maio de 1850 encontramos no local da futura colônia um representante da firma colonizadora com duas famílias de colonos contratados, que iniciaram nesta ocasião a colonização sem dúvida nenhuma! E mais ainda: a estes primeiros colonos foram distribuídos lotes demarcados! São os verdadeiros fundadores da Colônia Dona Francisca e de Joinville, é claro.

E com eles o casal "von Knorring".

GUERRA DE CRIANÇAS

ALICE VON MOERS

Uma das escolas mais antigas de Blumenau era a escola mixta que funcionava num prédio do governo, no Garcia, em local hoje ocupado pelo Hospital Santa Catarina.

O primeiro professor, o sr. Hartmann von Hartenthal, fôra um antigo oficial austríaco, que acompanhara o imperador Maximiliano, do México e que, depois do fuzilamento dêste infeliz soberano, abandonou o México e veio para o Brasil.

Na outra extremidade da vila funcionava a Escola São Paulo, que era só de meninos, dirigida pelo padre Jacobs, que tinha como segundo professor o senhor Murphy.

No centro da vila, ficava a escola de meninas, da professôra dona Apolônia Scheffer.

Um pouco mais tarde, fundou-se a escola particular, que se chamou Escola Nova, sita na Palmenallee. Funcionou, primeiramente, numa pequena e velha casa de madeira, com 3 classes. A sala dos alunos mais adiantados era tão pequena que os rapazes, que tinham os seus lugares nos bancos de trás, tinham que entrar e sair pela janela.

Era seu diretor o pastor Faulhaber. O principal professor foi o senhor Krueger, seminarista alemão, ótimo mestre. O senhor Riedel era professor de português.

Como o número de alunos da Escola Nova aumentava sempre, principalmente depois da morte de Von Hartenthal, os professôres não davam conta das classes sempre cheias e procurava-se, então, entre os recém-chegados da Alemanha, pessoas instruídas que, até que encontrassem outra colocação, servissem de professôres. Primeiro veio um médico, depois um barbeiro, um negociante etc.

Naquele tempo não se falava ainda em comunismo que, agora, é cada vez mais ameaçador. Cada confissão cristã, via no adepto da outra o maior inimigo, e cada qual já imaginava o crente das demais com um pé no inferno, não por crimes que tivessem cometido mas, simplesmente, por não pertencer à mesma religião. Os professôres, naturalmente, na hora da religião, apontavam o que julgavam êrros e enganos dos outros, advertindo os alunos no propósito de que não deixassem nunca o próprio rebanho para se incorporarem a outros.

As crianças são boas observadoras. E cada advertência caía em solo fértil e brotava. Mas o que elas não entendem bem, traduzem a seu modo. E, assim, imaginavam que os alunos de outras escolas não tinham o ensino certo da religião, capaz de levá-los à eterna felicidade. Condenavam-nos já aqui, como almas que não escapariam à condenação para sempre.

Assim, uns olhavam os outros com prevenção e desprêso e, quando se encontravam na rua xingavam-se com nomes que nada tinham de cristãos.

De tempos em tempos os casos isolados transformavam-se em brigas de rua. Esqueciam-se as diferenças de confissão religiosa e a

questão agora era de brio na defesa da escola. Eram alunos da escola protestante contra os alunos da escola católica.

Até que um dia os chefetes mirins de cada escola resolveram decidir o caso em campo de batalha. Esta, depois de devidamente combinada, decidiria qual o partido mais forte e qual a causa mais justa. Como local mais próprio para o combate, foi escolhido a colina que ficava atrás da igreja católica, onde se encontra, hoje o hospital Santa Isabel. Grande entusiasmo reinava entre a rapaziada. Não se falava noutra coisa.

O domingo seguinte ia ser o grande dia. O dia do triunfo contra o *inimigo* e da glória da escola vencedora. Os preparativos era intensos

Foram cortadas longas varas de taquara nas barrancas do ribeirão Garcia e preparadas à guisa de espadas pontudas.

No domingo marcado, o batalhão reuniu-se nos fundos da Escola Nova, armado até os dentes e foi desfilando rua acima, para o local da pugna.

Já era tardinha quando voltaram, triunfantes, cantando e marchando ao longo da Palmenallee.

— Viva! Ganhamos a guerra! gritavam, jubilosos, em casa. Mal os *inimigos* nos viram tão bem armados, não puderam evitar que o pânico lavrasse nas suas fileiras e puzeram-se a correr morro acima, e nós atrás. Um ou outro que nos caiu nas mãos apanhou uma surra. Os demais puseram sebo nas canelas! A vitória foi nossa!

E, na escada do Hotel Lungershausen, o professor Krueger mantinha-se perfilado e sorridente, abanando o chapéu quando o esquadrão passou-lhe diante.

E os olhos do professor Krueger, quando depois me contou êsse fato, brilhavam de alegria, como se aquilo também tivesse sido um dos maiores triunfos da sua vida...



A 3 DE SETEMBRO DE 1928, o historiador Afonso de Taunay, filho do Visconde de Taunay, visitou o município de Blumenau, em companhia do desembargador José Arthur Boiteux, outro notável cultor do passado catarinense.



PELO ATO n.º 66, da Presidência da Província, de 28 de setembro de 1864, o prático da barra de Itajaí, Jacintô José dos Santos, por ter de pagar, às suas custas, dois homens que o auxiliavam no serviço, teve o seu ordenado aumentado para 30 mil réis mensais. Anteriormente percebia apenas 20 mil réis por mês.

QUADRO DE DESTÊRRO

P. RAULINO REITZ

Diretor do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim

Por informação do Engenheiro Acyr Brüggemann Pinto da Luz, residente em Florianópolis, cujo avô era primo de José Brüggemann, e autor do quadro supramencionado, passo a esclarecer a origem desta importante peça exposta no Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, em Azambuja, Brusque.

JOSÉ BRÜGGEMANN era um pintor paisagista, solteirão, natural de Stralsund, Pomerânia, norte da Alemanha. Fôra convidado pelo Dr. Herrmann Blumenau para pintar aspectos da colonização alemã de Blumenau. São seus parentes, residentes em Florianópolis, Teodoro Brüggemann que é filho de um primo do pintor e o Eng. Acyr B. Pinto da Luz, sobrinho de Teodoro. Da mesma parentela são os Brüggemann residentes em S. Amaro da Imperatriz e Rancho Queimado.

Dr. Acyr B. Pinto da Luz afirma que viu num catálogo alemão, na Biblioteca Nacional, Sala de Referências, o nome do pintor dizendo ser paisagista e que viajou pela América do Sul e Oriente. O mesmo catálogo cita um parente seu, também Brüggemann. O Dicionário Biográfico de E. Benezit (edição de 1949), tomo II, 173) diz: "Brüggemann (J. W.) peintre de paysages et de marines à Stralsund au XIXe. siecle".

Dr. Acyr ainda refere que um conhecido seu, há pouco, de passagem por Nápolis viu num antiquário algumas telas de paisagens catarinenses com o autógrafo J. Brüggemann.

J. Brüggemann, após ter cumprido sua tarefa com o Dr. Blumenau, em S. Catarina, voltou à Europa, tendo ficado no Brasil de 1 a 2 anos (1866-1867), o que se poderá deduzir das datas constantes em seus quadros.

Agora ao quadro de Destêrro, hoje Florianópolis.

Três é o número dos quadros existentes, das quais um deve ser o original, provavelmente o que pertencia à família Vahl, e dois, réplicas (nome usado quando a cópia é feita pelo próprio autor). São no geral semelhantes, mas os três são diferentes em particularidades, como o número de árvores, construções na cidade e, possivelmente no aprimoramento da técnica.

1. O primeiro é reproduzido no livro comemorativo da colonização alemã em S. Catarina "Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina" (1929) onde diz ser da propriedade da Família Vahl. É assinado e datado de 1866. Neste livro diz ser autor S. Brüggemann que deve ser J. Brüggemann. Trata-se de um erro de imprensa ou de uma má leitura confundindo "J" com "S". O quadro hoje está em poder do comerciante Rudi Schnorr, residente em Florianópolis, que o adquiriu da Família Vahl. Foi restaurado e se acha em bom estado.

2. O segundo quadro está no Museu de Arte Moderna, em S. Paulo, e foi adquirido pelo prof. Bardi, daquele museu, em um antiquário de

Florença (Itália) para ser oferecido ao mesmo museu. Este antiquário o obteve de Londres. Traz igualmente o autógrafo de J. Brüggemann e a data de 1867.

3. O terceiro é o que está no nosso Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, em Brusque. Foi doado por uma família de Florianópolis antes de 1948. Como a tela estivesse enrolada e jogada num canto do Museu coloquei-a numa moldura e expú-la na salinha reservada ao museu de então. Com a ampliação do museu e a vinda do técnico Dr. Alfredo T. Rusins, êste se ofereceu para levá-la ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para restauração. No corrente ano voltou primorosamente restaurada e retelada. Colocada numa bela moldura de canela prêta foi exposta na Sala de História Geral do Museu A. Dom Joaquim. Não há indícios de autógrafo, nem de data. Estou em busca do nome do doador do quadro.

Da autoria de José Brüggemann são ainda dois desenhos publicados no livro "Gendenkbuch..." acima referido entre as páginas 44 e 45, e 84 e 85. O primeiro representa as primeiras casas da cidade de Blumenau e o segundo a cidade de Blumenau em 1867. No Instituto de Educação Dias Velho, de Florianópolis, há outra ampla tela de Dê-têrro visto do Morro da Cruz (caixa d'água). Neste quadro aparece seu auto-retrato.



"Estante dos "Cadernos"

Recebemos e agradecemos: "*Síntese Histórica da Escola de Pilotagem do Aéro Clube de Blumenau*", Carlos Henrique Medeiros, farmacêutico bio-químico, piloto aviador e ex-presidente do Aéro Clube de Blumenau. 24 páginas mimeografadas. O autor dedica o seu trabalho ao Ministro da Aeronáutica, ao Diretor Geral da Aeronáutica e ao governador de Santa Catarina. Presta uma homenagem aos sete colegas que perderam a vida em vôos de instrução. O trabalho, além de encerrar muitos dados que interessam à história da fundação e desenvolvimento do Aéro Clube de Blumenau e da sua escola de pilotagem, tece considerações em tôrno do serviço que as escolas de pilotagem prestam ao país, nem sempre estimados devidamente e bem considerados pelos poderes públicos. Um trabalho que evidencia a competência e o preparo intelectual do dr. Carlos Medeiros.

"*Federação dos Centros Culturais 25 de Julho*" Mitteilungsblatt n.º 24, relativo a junho de 1961. Traz, na capa, a admoestação do dr. Blumenau em documento ainda inédito. 20 páginas com interessantes colaborações de Fritz Rottermund, Theo Kleine, Rolf Diedrichsen, Helmuht Andra, além de artigos relativos ao tema. Impresso na Editora Rotermund, de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

"ERVEJARIAS DE BLUMENAU"

Pela verdade histórica

A propósito do artigo "Cervejarias de Blumenau", publicado no n.º 9, do tomo III (setembro de 1960) dêste mensário, recebemos do nosso leitor, sr. Afonso Schmude, de Itoupava-Sêca, uma carta muito interessante, situando dentro da verdade histórica alguns pontos abordados naquela colaboração.

Temos repetido, vêzes várias, que uma das razões determinantes da publicação dêste periódico, destinado ao estudo e à divulgação da história regional foi, justamente, o de fazê-lo prestar-se às discussões em torno de fatos controversos, ou impugnáveis, do passado, para que êles ficassem colocados, nos nossos anais, em os lugares próprios, dentro das razões e do espírito que os geraram no tempo e no espaço.

E, por isso, não cansamos de pedir a manifestação dos nossos leitores, sempre que encontrem, nestas páginas, assunto distanciado da verdade, ou, simplesmente controvertível. Com isso, mais do que favor a nós mesmos, prestarão, os que nos leem, um serviço à coletividade, cujo passado não pode, nem deve, ficar sujeito a interpretações de pesquisadores pouco ciosos da realidade histórica.

Não poucas vêzes, certas inverdades se firmam como acontecimentos, menos pelo descuido de historiadores imprecisos do que pela displicência com que certos contemporâneos fogem ao trabalho de trazer a público o seu, ou o testemunho de documentos de irrefutável veracidade na comprovação do fato controverso, ou omisso.

No artigo a que nos referimos, fizemos alusão à autoria da "Crônica de Áltona" como sendo do professor Max Humpl que, por vários decênios, dirigiu a escola particular de Itoupava-Sêca, transformada pelo prefeito Ferreira da Silva, no seu governo, no atual grupo escolar "Machado de Assis".

A "Crônica de Áltona", infelizmente, destruída no incêndio do arquivo municipal, anos atrás, constava de um histórico do populoso bairro, com abundantes dados sobre os seus primeiros moradores, suas famílias, suas indústrias, suas atividades sociais e em prol do desenvolvimento material e cultural da coletividade. Além de elaborada caprichosamente, na bela caligrafia do mestre-escola, trazia artísticos desenhos da talentosa esposa do professor Humpl, especialmente nas iniciais dos vários capítulos e inúmeras fotografias de velhos moradores e de primitivos aspectos da região.

O sr. Afonso Schmude, reivindica para Otto Jennrich, Gustavo Pershun e outros a autoria dêsse trabalho, no qual a atuação do citado professor não foi além de servir-lhe de calígrafo habilidoso e responsável pelo seu aspecto material e seu estilo literário.

E como, da missiva do sr. Schmude, repontem outros pormenores interessantes sobre figuras que tiveram interferência na organização da mencionada crônica, sobre fatos com ela relacionados e que, de uma ou de outra forma, interessam à história da cidade, transcreveremos, a seguir, os seus principais tópicos.

Não o faremos, entretanto, antes de tornar a lembrar os nossos leitores de que as páginas dos "Cadernos" estarão sempre à disposição dos interessados em colaborar, honesta e desinteressadamente, no sentido de que a nossa revista atinja as finalidades que a trouxeram a lume e continuam a servir-lhe de direttriz e de orientação.

Não teremos, apenas, prazer em dar agasalho às críticas e reparos justos dos nossos leitores. Sentimo-nos, também, no dever de fazê-lo em razão do nosso respeito absoluto à verdade histórica.

Eis a carta do sr. Schmude:

"A respeito da "Crônica de Áltona" e do trabalho de Max Humpl, citados no n.º 9, setembro de 1960, de "Blumenau em Cadernos", desejo dar os seguintes esclarecimentos: Deve-se fazer justiça aos que são os verdadeiros autores da "Crônica". E êstes são os senhores Otto Jennrich, Gustavo Pershun Sênior, Theodoro Lüders, Gustavo Grassmann e Ernesto Auerbach que muito se esforçaram para concretizá-la.

Reuniam-se êsses blumenauenses, regularmente, e discutiam os casos rela-

cionados com a fundação de Altona, hoje Itoupava-Sêca. Max Humpl tomava as notas, redigia as narrativas e observações de cada um. Theodoro Lüders fornecia as fotografias antigas que possuía e as que ia reunindo.

Depois de estar pronto o trabalho, Otto Jennrich entrou em entendimentos com a tipografia do "Der Urwaldsbote", para imprimi-lo. Mas o custo da impressão era de tal forma elevado que Jennrich e Pershun desistiram do intento, contratando, em vez disso, o professor Max Humpl para copiá-la em caligrafia bem caprichada e ilustrá-la, pela quantia de oito contos de réis. Otto Jennrich entrou com cinco contos e Gustavo Pershun com três. Isso fora a cerveja que Jennrich ainda fornecia da sua fábrica.

Se não fôsem Jennrich e Pershun não teria existido a "Crônica".

Outra elucidação e mais alguns esclarecimentos: Otto Jennrich nasceu no Barracão de Imigrantes, pouco depois da chegada de seus pais a Blumenau. Estes últimos depois mudaram-se para Warnow, ocupando o lote que haviam adquirido. Com 14 anos de idade, Jennrich empregou-se na Cervejaria Hosang. Era ali muito estimado, tanto que a filha de H. Hosang, Clara, deveria casar-se com êle. Esse casamento, entretanto não se realizou, tendo Clara Hosang se casado com o Conde von Westarp.

Tendo adoecido gravemente de "câmaras de sangue", Jennrich foi despedido. Era um dia chuvoso quando êle, de trouxa de roupa sob o braço, passou diante da casa de Pershun, a caminho de Warnow, a pé.

Vendo-o, Gustavo Pershun perguntou-lhe o que havia acontecido. Como os dois já eram conhecidos, Jennrich pô-lo ao corrente do que sucedera e como sofria da moléstia que o atacara.

Pershun, em face da situação do amigo, que de forma alguma poderia chegar a pé à casa dos pais, convidou-o a permanecer em sua casa, tendo lhe mandado preparar uma cama e mandado chamar o médico, dr. Valloton. Êste declarou grave o estado do doente. Jennrich esteve quatro semanas em tratamento, sob cuidados médicos, na casa de Pershun.

Depois que Jennrich se restabeleceu, Pershun emprestou 600 mil réis (Cr\$ 600,00) para Jennrich comprar uma tina para cervejaria e deu mais um terreno para a construção do rancho em que seria instalada a pequena fábrica. O rancho era de palmitos e coberto de palha. Além disso, ainda Pershun cedeu os seus aprendizes para ajudarem Jennrich na lavação das garrafas.

A primeira cerveja fabricada por Jennrich foi vendida em um baile no Salão Liesenberg, na Itoupava Norte, até lá, transportada dentro de uma baiteira, pelo rio, por Jennrich e Pershun. À meia noite tornaram a mandar buscar mais cerveja.

Mais tarde, Jennrich comprou o botequim de Daniel August Pershun, pai do alfaiate Gustavo Pershun. Jennrich ficou hospedado na casa de Pershun até o ano de 1893, quando construiu a sua casa, e fábrica, no local em que ainda se encontram.

Assim que terminou a construção, Jennrich mandou buscar os seus pais de Warnow. A mãe cuidava dos afazeres da casa, cozinhando ao mesmo tempo para os empregados da cervejaria.

Desta forma Jennrich começou sua vida, auxiliado por Daniel e Gustavo Pershun. Vem daí a amizade muito grande que sempre uniu Gustavo Pershun e Jennrich. Êste mesmo me contou esta história, que eu escrevi e guardei, tendo mais o sr. Jennrich acrescentado: "O bem que os Pershun me fizeram, eu um dia lhes farei também, se o necessitarem."

Jennrich serviu de padrinho de batizado de crianças por 85 vêzes. Foi meu compadre também. Quando morreu, foi sepultado no túmulo da família Pershun. Somos muito gratos ao sr. Alfonso Schmude, por essa interessante missiva.



EXATAMENTE HÁ 50 ANOS ATRÁS, a 9 de setembro de 1911, quando trabalhavam nos matos de sua propriedade, os colonos Doerlitz e Haemert foram atacados pelos índios, no Vale do Rio dos Índios, às três e meia da tarde. Os bugres puzeram-se em fuga ante o revide dos colonos.

O QUE A MINHA AVÓ ME CONTOU

Curt KLEIN

Cheguei a conhecer minha avó quando esta já se encontrava em idade bem avançada. Contava 90 anos e eu era um rapazote de apenas sete.

Até onde chegam as minhas recordações, vejo-a sentada numa cadeira de balanço, bordando, costurando ou fazendo um ou outro trabalho de cozinha, encarregada por mamãe, a seu pedido. Descascava batatas, raspava cenouras ou escolhia o feijão.

Quando eu me sentava ao seu lado, ela gostava de contar coisas dos velhos tempos. Foi dela que recebi as primeiras noções de literatura. Ela conhecia bem Schiller e Goethe e lembro-me bem da facilidade e do prazer com que ela recitava versos do primeiro.

Falava, também, do tempo em que ela e meu avô, que eu não cheguei a conhecer vieram para o Brasil.

Eles embarcaram com os três filhos, Carlos, Teodoro e Selma. A menor, Selma, não suportou a penosa viagem e os incômodos da travessia oceânica. Morreu a meio caminho. O mar imenso serviu-lhe de túmulo.

Em Blumenau, na chamada "Vorstadt" (hoje rua Itajaí) nasceram-lhes mais dois filhos: Eugênio e Maria, minha mãe, esta também repousando, para sempre, no cemitério de Blumenau.

Minha avó imigrou, provavelmente em 1856, isto é, seis anos após a fundação de Blumenau.

Os imigrantes recém-chegados eram acolhidos no barracão, para êsse fim construído, até que preparassem a própria morada.

Depois de já grande, cheguei a conhecer a casa que meus avós possuíram. Ficava no local onde hoje se situa a ponte da Estrada de Ferro Santa Catarina sôbre o Rio Itajaí.

O comêço deveria ter sido mais que difícil. Minha avó fôra criada e educada num castelo em Breslau e casara-se com o arrendatário Teodoro Kleine.

O simples fato de se encontrarem abrigados em um rancho em meio à mata virgem, em condições bem primitivas, teria sido, para êles, circunstância bem difícil e penosa. Que fazer, entretanto?

Meu avô procurou trabalho e encontrou-o em uma olaria, como operário diarista. Teria sido, de certo, a olaria, hoje pertencente à família Koch, naturalmente então em proporções bem mais reduzidas.

Meu avô era míope. Durante o trabalho, o suor, escorrendo-lhe da fronte, molhava-lhe as lentes dos óculos. As mãos, feridas, não podiam ocupar-se em outros serviços, por maiores esforços que fizesse. O seu estilo de vida fôra, até então muito outro. Por isso, em nenhum sentido êle seria um operário muito desejado. Minha avó contava que êle recebia quatro vintens por dia (4 centavos).

Depois, o dr. Blumenau tomou-o como auxiliar no escritório da direção da colônia, onde êle passou a trabalhar até a sua morte.

Dêsse tempo em diante, as coisas melhoraram. A atividade que agora desenvolvia, ia-lhe melhor que o trabalho na olaria, ainda que meu avô tivesse que gemer sob a exagerada economia, que chegava, às vêzes, ao limite da usura, do dr. Blumenau. Dizia-se, por exemplo que êste registrava os seus planos, aproveitando até os mínimos pedacinhos e margens do papel, sacrificando a clareza e, até, em muitos casos, sendo mesmo de difícil decifração.

Os dois filhos mais velhos, Carlos e Teodoro, trabalharam, primeiramente, numa fábrica de cigarrilhos. Depois empregaram-se no serviço de medições de terras, sob as ordens do engenheiro Emílio Odebrecht. Teodoro como geômetra e Carlos como turmeiro. O último tornou-se, mais tarde, conhecido professor primário e se distinguiu como escritor, tendo colaborado no "Rotermund-Kalender" com interessantes histórias sôbre o seu tempo de agrimensor.

Minha avó também se referia muitas vêzes às dificuldades que tinham com a comida. Carne verde não havia para se comprar, pelo menos não regularmente. Quando alguém abatia uma rês, a carne acabava-se antes que a gente o soubesse ou antes que se chegasse, a pé, ao local.

Havia, sim, o chamado "toucinho de Santos", mas fedía e tinha um gôsto

horrível de ranço. Era perfeitamente dispensável o uso de óculos para descobrir os vermes que o roíam. Ele era geralmente aproveitado como provisão de sal. Caça havia bastante, mas necessitava-se ir a ela e o meu avô nada tinha de caçador. A farinha para o pão, vinha do moinho, mas a distância até êle era grande e o caminho uma simples e horrível picada.

O palmito, entre nós, é hoje uma excelente iguaria, já que sabemos como prepará-lo. Mas os alemães tiveram que se acostumar a êle. Não lhes sabia o gôsto.

Minha avó costumava repetir o que uma senhora lhe contara: "Quando subimos o Itajai, de canoa, até aqui, havia entre nós uma dona de casa, de Berlim. Era resoluta e prática. Perguntou aos que já aqui moravam, há mais tempo, o que costumavam cozinhar.

— Que é que vocês comem normalmente?

E foi, ela mesmo, enumerando:

— Carne verde e ameixas?

E recebia a resposta:

— Isso é coisa que aqui não se conhece.

— Maçãs, peras?

— Nem sombra disso, por aqui.

Continuou indagando e, a cada negativa, ia aumentando o seu assombro. Por fim, já desanimada, observou:

— Mas, pelo menos, hão de ter batatas cozidas com arenques?...

Recebendo, ainda desta vez, resposta negativa, o seu desapontamento foi enorme.

— O que? Nem mesmo batatas cozidas com arenques? Então teremos mesmo que morrer de fome"...

Batatas cozidas com arenques, observou minha avó, era, então, para os alemães, o prato corriqueiro, trivial, como aqui, o nosso feijão preto.

Outra senhora, que não podia dominar as saudades da sua terra lhe dissera:

— Senhora Kleine, se houvesse um caminho sôbre o oceano, mesmo que fôsse só de meio metro de largura, ninguém me veria mais por estas bandas!...

Outra, ao invés, lhe dissera:

— Senhora Kleine. Eu, de comêço, tive enormes saudades, mas, agora não sinto vontade nenhuma de voltar. Se a senhora me puzesse, aqui na mesa, o dinheiro para a passagem de regresso à nossa linda pátria antiga, eu nem o receberia...

O primeiro ataque de bugres, aconteceu, mais ou menos, assim: o dono de um engenho de serra no Garcia — a primeira serraria em Blumenau — estava no engenho que ficava próximo à casa de morada, desempenhando as suas ocupações normais. De repente êle viu alguns bugres abandonarem o mato em sua direção. Gritou, então, para a mulher:

— Traz-me a espingarda, depressa!

A mulher, desnorçada pelo susto, depois de bater a cabeça daqui para ali à procura da arma, trouxe ao marido um tição em brasa, que conseguira arrancar do fogão. Quase em seguida, o marido caía por terra, varado por uma flecha.

Nas suas viagens de propaganda à Alemanha, o dr. Blumenau, muitas vezes, exagerava um pouco, quando descrevia a vida na sua colônia. Isso, aliás, era muito natural e compreensível e quase todos os concessionários de terras agiam assim. Além do que, o dr. Blumenau era um entusiasta apaixonado pela sua colônia. Assim, êle, certa vez, escreveu num dos seus prospectos que a terra era tão boa, tão produtiva, que quatro toíças de bananeiras podiam sustentar uma família inteira. E em outro lugar: "Um céu sempre azul se dosdobra sôbre a terra blumenauense".

Na ocasião da realização da primeira festa dos Atiradores, em Blumenau, êsses assuntos foram alvo de engraçadas sátiras. Numa barraca, onde estavam expostas muitas coisas interessantes, havia dois quadros que despertavam francas gargalhadas. O primeiro representava uma casa de colono diante da qual, preguiçosamente, estava reclinado um homem. Perto da casa, quatro bananeiras e a mulher do colono, estava, justamente, enfiando uma banana pela boca do marido abaixo.

O outro quadro mostrava o dr. Blumenau trepado numa alta escada, apoia-

A FUNDAÇÃO DE SÃO BENTO DO SUL

(Conclusão)

N.º 21)

Direção da Colônia Dona Francisca aos 21 de abril de 1876. Ilmo. e Exmo. Snr. Tenho a honra mandar a V. Excia. pelo presente a relação das despesas feitas com os batedores do mato para proteger os colonos contra as agressões dos bugres. Quinhentos Mil-réis foram empregados para batedores e munições aos colonos na ocasião da saída de bugres e fica em caixa a quantia de 328\$200 que guardamos para fazer uma picada para batedores no vale do Itapocu até São Bento. Felizmente o Snr. Emilio Carlos Jourdan, encarregado da medição das terras de S. S. A. A. I. I. abriu uma picada, podendo servir para este fim até o Jaraguá e temos de abrir outra picada de Neudorf até aquela do Snr. Jourdan o que prometerá ao menos quando os bugres terão matado alguém, de correr atrás d'êles. Se o Governo Imperial, a quem incumbe a conservação do socego público, não nos pode equipar, acho que seria mais proveitoso, aumentar a subvenção proporcionalmente para o serviço de batedores do mato na colônia vizinha de Blumenau que tem já um pessoal formado. Assim poderá criar-se em Blumenau uma turma maior com um único chefe, que tomará conta das fronteiras da colônia Dona Francisca desde São Bento até Jaraguá, travessando as terras de Sua Alteza Imperial, a Princesa Regente, que separam as duas colônias. No dia 6 do corrente pela madrugada apareceram outra vez os bugres no caminho de Blumenau e cercavam a casa da viuva Heusi, que vive só com dois filhos menores. Felizmente um dos bugres foi avistado a tempo para chamar por socorro. Contaram nove índios que se retira-

CARLOS FICKER

ram mato a dentro. Ilmo. Snr. Conselheiro Bernardo Augusto Nascente d'Azambuja, Inspetor Geral das Terras Públicas e Colonização. ass. F. Bruestlein.

N.º 22)

Direção da Colônia Dona Francisca aos 24 de junho de 1876. Ilmo. e Exmo. Snr. Comunico a V. Excia. que na minha volta de São Bento, achei no limite Oeste das Terras do Príncipe de Joinville, sobre a Estrada Dona Francisca, individuos armados, fardados e não fardados, exigindo, com arma na mão e recebendo peagem dos viajantes, ameaçando estes, negando-lhes a passagem por esta Estrada, obrigando-os a tomar a antiga estrada em péssimo estado, onde se acha a barreira de Encruzilhada. Disto resultam graves prejuizos para a Direção e para os colonos de São Bento. Esta provocação por parte do Paraná desafia as nossas povoações que conhecem a ordem do Ministério do Império de 14 de Dezembro e será impossível evitar graves conflitos, até luta armada e derramamento de sangue. Peço de V. Excia. a devida proteção para os viajantes entre os distritos de São Bento e Joinville. Ass. O Diretor da Colônia Dona Francisca — Frederico Bruestlein.

N.º 23)

TELEGRAMA: Estou com mais de 500 colonos cujo transporte para São Bento é impedido. Os tropeiros não querem porte para lá por causa das violências cometidas na Estrada Dona Francisca por individuos armados, escondidos na capoeira entre os quais um português e um holandês do registro da Encruzilhada, que ameaçaram de morte o juiz de direito e um feitor da

da no firmamento, e ao lado da qual estava pendurada uma lata de tinta. O dr. Blumenau, de pincel em punho, pintava todo o céu de um lindo azul...

Daí, provavelmente, vieram os versos que ainda os blumenauenses conhecem e muitos ainda cantam:

"Jetzt gehts nach Blumenau
Da ist der Himmel blau!..."

Mas as coisas não eram tão fáceis nem tão lindas como muitos podem pensar. O colono tinha que dar duro no trabalho para ganhar o pão de cada dia. Quantos e quantos teriam regressado à pátria de origem se tivessem podido. Mas, não havia como falar em volta. Havia, isso sim, era conformar-se e trabalhar. Trabalhar, trabalhar, até estourar o couro, ou, como os nossos colonos costumavam repetir: "dass die Schwarte knackt".

Estrada e só em razão de ser acompanhado, não me agarraram na minha volta de São Bento. O Snr. Presidente nos recomenda prudência, energia e inteligência, mas isso não serve contra brutos armados. Pedimos proteção dos empregados da Estrada. São Francisco do Sul, aos 26 de junho de 1876. — F. Bruestlein - Diretor.

N.º 24)

Direção da Colônia Dona Francisca aos 20 de Setembro de 1876. Tenho a honra de acusar o recebimento do Offício N.º 4 da Diretoria da Agricultura a respeito da construção de uma capela católica, d'uma casa de oração protestante, muito importante para o desenvolvimento da colonização em São Bento. Em conformidade com a ordem de V. Excia., mandamos hoje as plantas d'uma capela católica com seu presbitério, de uma casa de oração protestante com a morada do pastor e das aulas para 96 meninos cada uma com morada dos mestres debaixo do teto meio assobrado — cujos orçamentos são:

| | |
|-------------------------------|------------|
| Capela católica | 7:880\$400 |
| do Presbitério | 2:338\$600 |
| da casa de oração | 5:800\$300 |
| da morada do pastor | 2:376\$000 |
| de cada aula | 3:286\$000 |
| | 6:572\$000 |

Total Rs. 24:967\$300

Estas plantas executadas pelo arquiteto da Direção são de mais simples e mais barato possível, sem cair na

σνυδνουφ αρ ορδερλεο

Deus guarde a V. Excia. Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro Thomaz José Coelho d'Almeida, Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios d'Agricultura. — F. Bruestlein.

N.º 24)

Direção da Colônia Dona Francisca aos 1.º de Outubro de 1876. Ilmo. e Exmo. Snr. Tenho a honra comunicar a V. Excia. ter chegada no dia 26 de Setembro à tarde a comissão de Russos. — Como não era possível seguir o itinerário indicado pelo Snr. Gruber de subir para São Bento, e voltar pelo caminho d'Itapocu, porque se este caminho existe, só pode ser por frações, — conduzi eles para as terras plantadas do Cubatão em todo semelhante às do Itapocu. Depois de sua volta no dia 3 do corrente tenho de acompanhá-los para São Bento. De lá parece-me eles tencionam seguir para Rio Negro. — Mas ainda não são

ainda de todo decididos. — Deus guarde a V. Excia. Ilmo. e Exmos. Snr. Alfredo d'Escagnolle Taunay, D.mo Presidente da Provincia de Santa Catarina.

N.º 25)

RELATÓRIO sôbre o estado da Colônia Dona Francisca no ano de 1876. ... São Bento, a 800 metros acima do nível do mar, aonde são estabelecidos já hoje 1158 habitantes. O desenvolvimento d'este distrito foi muito rápido. O território de São Bento achase em parte nas vertentes superiores do Rio Itapocu e na beira do Rio Negro, com um clima continental. É semelhante daquelle da Itália, até que, no dia 17 de agosto d'este ano, caiu durante duas horas uma neve densa, como acontece nos países de onde vem a maioria dos colonos, que saudaram com júbilo o acontecimento. — Graças à solicitude do Exmo. Snr. Ministro d'Agricultura vão se acabando as questões litigiosas sôbre terras devolutas no distrito de São Bento, terras estas invadidas por gente da Provincia do Paraná. O Ministro nomeou o distinto engenheiro Theodor Ochsze que, tendo já demarcado em 1868 um território em Rio Negro que pertence hoje a São Bento, conhece de antemão os direitos de cada um, preencheu a sua tarefa com energia e justiça...

N.º 26)

Direção da Colônia Dona Francisca aos 10 de Março de 1878. Ilmo. e Exmo. Snr. É com o maior assombro que recebi do distinto engenheiro encarregado da administração da Estrada Dona Francisca a assustadora comunicação que tem sido por ordem de V. Excia. reduzido de tal maneira o crédito concedido para a construção desta estrada, que não ficará quasi nada para gastar até o fim do presente exercicio.

Esta determinação terá para nós as mais graves consequências. A colheita de 1876-1877 em São Bento fultou por causa da seca, seguida de chuvas constantes e a safra de centeio da plantação de 1877-1878 foi devorada pelas lagartias que abandonaram as taquaras em flor. A Direção da Colônia fez o seu possível para diminuir no ano passado os efeitos d'estes males, empregando os colonos na construção da Estrada Dona Francisca. Não alcançamos do Govêrno Imperial qualquer

ajuda, nem para fazer uma Capela ou escola.

Hoje a suspensão dos trabalhos na Estrada Dona Francisca trará consigo a fome, a miséria e todas as suas consequências. Temos a honra pedir respeitosamente a V. Excia. dignar-se dar as devidas ordens que continuassem as obras da Estrada para que os colonos que agora nos meses de Março, Abril e Maio não há nada a fazer na lavoura, se arranjarão para trabalhar e ganhar com que passar a época da próxima plantação. Deus guarde a V. Excia. Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro Dr. João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu. Presidente e Secretário d'Estado dos Negócios d'Agricultura. — Ass. F. Bruestlein.

N.º 27)

Direção da Colonia Dona Francisca aos 21 de janeiro de 1878. Ilmo. e Exmo Sr. É com pesar que tenho a honra informar a V. Excia. que numa parte desta Colônia, geralmente de tão boa conduta, no núcleo de São Bento, povoado já com perto de 3.000 almas, apareceram principios de distúrbios, originados por um grupo de uma dúzia de perturbadores preguiçosos e vadios, fazendo reuniões ilícitas para excitar os colonos contra a ordem pública. Tenho a honra pedir a V. Excia, dignar-se dar as ordens para que seja posto à disposição das autoridades policiais deste lugar os meios de repressão necessários e com urgência a construção de uma cadeia em São Bento. Deus guarde a V. Excia. Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente da Província de Sta. Catarina, Dr. José Bento de Araujo. ass. F. Bruestlein, Diretor.

N.º 28)

Direção da Colônia Dona Francisca aos 13 de Março de 1878. Os colonos de São Bento principiam a chegar nesta Vila e nesta Direção para que lhes ajudamos nas tristes emergências aonde foram colocados pela redução repentina do crédito para a construção da Estrada Dona Francisca, praticamente o único meio de vida para os colonos novos. Todos os recursos da Sociedade Colonizadora são esgotados. Tenho a honra pedir respeitosamente a V. Excia. para apaziguar os ânimos e evitar as consequências da miséria e da fome pelo menos num telegrama, annunciando a remessa do dinheiro que o Governo deve aos trabalhadores e

autorizando aos negociantes a adiantar aos colonos gêneros alimentícios. Deus guarde a V. Excia. — Ass. F. Bruestlein.

N.º 29)

TELEGRAMA, 14 de abril de 1878. Não posso senão pedir a V. Excia. de tomar em consideração a nossa situação mandar pagar o que deve o Governo e continuar de qualquer maneira as obras da Estrada Dona Francisca. Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro Dr. João Vieira Cansanção de Sinimbu — Ministro e Secretário. Ass. F. Bruestlein.

N.º 30)

TELEGRAMA. 24 de Março de 1878. Ao Sr. Otto Niemeyer — Rio de Janeiro. Chefe da Policia aqui Joinville com 30 praças. Febre amarela diminue em São Francisco. Ass. F. Bruestlein.

N.º 31)

TELEGRAMA — URGENTISSIMO. Direção da Colonia D. Francisca, 16 de Março de 1878. Ilmo. Sr. Presidente Província Sta. Catarina. Chegaram hoje aqui Joinville perto de 300 colonos de São Bento, todos com armas, para reclamar desta Direção dinheiro, ajuda, venda a fiado dos gêneros, mantimentos, reclamando suspensão desde 3 meses de pagamento dos trabalhos na Estrada Dona Francisca. Os distúrbios são originados por uma caudilha de desordeiros que forçaram a gente pacifica para andar com elles, levando consigo a força o Subdelegado de São Bento — Peço de V. Excia. um destacamento com 50 praças pelo menos com um oficial para proteger os moradores de S. Bento e proceder um severo inquérito policial. — F. Bruestlein.

N.º 32)

Direção da Colonia Dona Francisca aos 11 de Julho de 1878. Ilmo. e Exmo. Sr. Ficando infelizmente parados os trabalhos da Estrada Dona Francisca, único auxilio prestado pelo Governo Imperial aos colonos recém-chegados, estes acham-se na maior miséria. Como há novos indícios de distúrbios por causa da miséria em São Bento, tenho a honra pedir respeitosamente a V. Excia. dignar-se fazer tudo o que for possível para que sejam pagas com

a maior brevidade possível os trabalhos já feitos na Estrada e que sejam principiados de novo os trabalhos de construção, indispensáveis para o sustento dos novos colonos. Deus guarde a V. Excia. — F. Bruestlein.
N.º 33)

TELEGRAMA. 16 de Agosto de 1878. Ilmo. Snr. Doutor Lourenço Cavalcanti Albuquerque, Presidente da Provincia de Sta. Catarina. Realizarão-se as previsões do meu officio do dia 11 de julho. Recebi noticias esta noite que os colonos de São Bento, sofrendo de

jome pela demora do pagamento e a suspensão total dos trabalhos na Estrada Dona Francisca, ajuntaram-se na Vila para descer a Joinville onde não há autoridade nem força policial suficiente. Peço respeitosamente a V. Excia. mandar com urgência pagar os 16 contos de Réis devidos pelo Govern. — F. Bruestlein.
N.º 34)

TELEGRAMA ao Snr. G.A.O. Niemeyer — Rio de Janeiro. São Bento creado freguezia pela lei provincial N.º 801 de 6 de Abril de 1876. 3 de Se-

Os fuzilados da Revolução de 93

É sabido que durante o governo do coronel Moreira Cesar, como interventor federal em Santa Catarina, ao término da revolução que, em 1893/94 ensanguentou os Estados do sul do Brasil, muitos dos que tomaram parte no movimento contra Floriano, foram sumariamente fuzilados na fortaleza de Anhatomirim. E entre eles, alguns inocentes que pouco ou nada tiveram com a sedição. Não é entretanto, muito conhecida a relação dos que pagaram com a vida o seu idealismo. Segundo publicação que acabamos de consultar, foram os seguintes os que sofreram a pena capital:

Marechal Manoel de Almeida Gama Logo 'Eça, barão de Batovi, de 65 anos, herói da guerra do Paraguai; coronel Luiz Caldeira de Andrade, de 50 anos; tenente-coronel Sérgio Tertuliano Coelho Branco; major Alfredo de Paula Freitas, médico-diretor do hospital militar de Destêrro, prêso juntamente com o Barão de Batovi e com êste fuzilado; capitão Antônio Manoel da Silva Coelho, Júlio Cesar da Silva Lima e Luiz Inácio Domingues; capitão reformado, João Evangelista Leal, que servia como secretário do governo provisório; alferes Coelho Júnior; alferes João Machado Lemas Fraga; alferes Teles, alferes Higino, todos moços de 18 a 26 anos; capitão de engenheiros Romualdo de Barros; capitão Tobias Becker, deputado estadual que foi prêso em S. Francisco quando se dirigia ao Rio de Janeiro; capitão de mar-e-guerra Frederico de Lorena, presidente provisório da República, instalado em Destêrro; 1.º tenente Delfino Lorena e aspirante Pedro Lorena, sobrinhos do anterior; primeiros tenentes Álvaro e Artur de Carvalho, irmãos prêsos em São Francisco; guarda-marinha Motta; capitão da Fôrça Pública Bittencourt; Tenente Constância; coronel Israel de Sá; Tte. Coronel Fernando Goulart; dr. Lopes de Oliveira, Juiz de Direito de Tijucas; dr. Alfredo Gama, filho do barão de Batovi; dr. Carlos Guimarães Passos, substituto do juiz federal; F. Cascais, fiscal da Intendência do Destêrro; Elesbão Pinto da Luz, escrivão e Tabelião de Notas de Blumenau; negociante Caetano Moura; dr. Francisco Caldas, chefe de polícia durante o governo do Tenente Machado; Miguel Cercal, escrivão da Coletoria de Joinville e os engenheiros franceses Etienne e Buette, que serviram no Arsenal de Guerra revolucionário. Ao todo 34.

EXCENTRICIDADES DE SÁBIO

CRISTIANA DEEKE BARRETO

Quando, recentemente — e no propósito de colher informações referentes a um antigo jornal blumenauense, que se publicou de 1883 a 1891, o “Der Immigrant” — tivemos oportunidade de procurar algumas pessoas que, segundo julgávamos, deviam saber algo sobre o assunto, pouco, ou nada, conseguimos esclarecer, além das já muito conhecidas referências do conhecimento público.

Vimos, entretanto, a saber de fatos, ligados ao nome daquele jornal, acontecidos na época da sua circulação e que, embora nada tendo a ver com o assunto almejado, não deixam de ter grande interesse.

O dr. Fritz Müller, o célebre sábio alemão, aqui chegado em 1852 e falecido em 1897, não era naturalista apenas no ramo científico a que se dedicara, mas também na modéstia pessoal e na simplicidade de costumes na sua vida particular. Trajava-se, aqui na colônia, com a mais rudimentar despreocupação, e, comumente, só andava descalço.

Contemporâneos seus não se conformaram, assim, com a forma por que foi esculpida a sua estátua, ora existente na praça que tem o seu nome, inaugurada em 1929 e que representa um cidadão de botas e indumentária mais que confortável e que, apenas na imaginação do escultor, teria sido usada pelo “príncipe dos observadores da natureza do Brasil”, segundo o conceito de Darwin.

Naturalmente, não teria sido possível representá-lo, no bronze, nos mesmos trajes que êle aqui usara e, aliás, não era nestes, por exemplo, que êle se apresentava perante seus alunos no cargo de lente do Liceu Provincial, na antiga capital, Destêrro, onde lecionou matemáticas e ciências naturais durante onze anos, e onde realizou valiosas pesquisas em moluscos e crustáceos das praias e costões da ilha de Santa Catarina.

Em uma das suas andanças pelo vilarejo que era Blumenau daquela época, fôra êle alvo dos motejos de umas moças (já se vê que o fenômeno não é “bossa nova”) que, indiscretamente, caçoavam do cientista, que, pés no chão, passava pela poeirenta estrada principal, a nossa atual rua 15.

Pessoas que observaram a deprimente cena de falta de respeito, não apenas se escandalizaram, mas expressaram a sua revolta também, publicando, na edição seguinte do “Der Immigrant” uma poesia que nada tinha de “indireta”, pois que o fato acima vinha narrado logo em seguida à mesma.

A poesia era esta:

*“Mais vale andar-se descalço e honrado
que deshonesto e de botinas”.*

Ou como era o original alemão:

*“Besser ist's, barfuss in Ehren,
Als gestiefelt in Schande zu gehen.”*

A revelação dêsse acontecimento, trouxe-nos à lembrança outro gracêjo de que foi vítima o dr. Fritz Müller, desta vez da parte de um elemento masculino da juventude blumenauense do século passado. (Graças a Deus ainda não existia a “juventude transviada” dos nossos dias).

Foi na primeira noite sem chuva que, até então, castigara, por dias seguidos, tôda a região.

Na certa viria uma enchente! As ruas, ou antes a rua principal da vilazinha de Blumenau, representava um lamaçal, interrompido por grandes poças d'água, nas quais se refletia a luz bruxuleante de uma lamparina, através da porta aberta de uma casa, que ficava numa elevação do terreno.

Por fôrça das circunstâncias, noites seguidas haviam os rapazes daquela casa bancado os "meninos caseiros", lendo junto aos pais, na sala de estar, ou ouvindo o progenitor, retraído por índole, contar acontecimentos que o haviam interessado no passado, quando desenvolvia inusitada eloquência, capaz de fascinar qualquer auditório.

Mas, também era demais! Já estavam aborrecidos da maçante inatividade. (Mesmo que não falassem em alemão, não diriam "chateados", como hoje é moda).

E, para cúmulo dos azares, a primeira noite sem chuva, apresentava-se escura como quê, sem luar e nem mesmo o brilho das estrêlas.

Do patamar da escada que dava para a rua, os dois filhos mais velhos da família, já beirando a casa dos vinte, contemplavam, desanimados, o barro mole da rua. Durante dias já não se encontravam com os companheiros de turma. Valia a pena aventurarem-se pelo mingau em que se transformara o leito da rua para chegarem ao costumeado local das reuniões e lá, possivelmente, não encontrariam ninguém?

Foi quando divisaram, lá pela esquina da igreja católica, vir se aproximando o brilho de uma lanterna; fraquinho de comêço, como o de um vagalume, crescendo, depois, com a aproximação de quem o portava.

Quem seria? Na vizinhança, morava um médico. Seria alguém em busca de socorro para um doente, ou uma parturiente talvez?

Ou — que idéia, rapaz! — não seria, talvez, um dos companheiros que, não tendo encontrado ninguém no bar, vinha de encontro aos dois irmãos?

Quando o vulto passou pela réstea de luz projetada sôbre a rua, através da janela de uma casa mais distante dali, atinou o mais velho com a identidade do noturno viandante.

— Qual amigo, qual nada! disse êle ao irmão. Sabes quem é? É o dr. Fritz Müller. Naturalmente vai observar os seus formigueiros para estudar a reação das formigas à infiltração das chuvas prolongadas nos respectivos ninhos. Que homem dedicado!

— Dedicado qual o quê. Velho idiota que êle é! Queres ver como o pateta vai ficar desorientado?

E com o assim dizer, sumiu-se na escuridão dos fundos da casa, surgindo logo depois na rua, em direção ao sábio. Quando passou por êste, que apenas lhe divisava as pernas com a diminuta luz da lanterna, cumprimentou-o:

— Guten Abend!

E dizendo isso, esbarrou no velho que, com uma exclamação de susto, estatelou-se na lama do caminho.

Tôda a família da casa acorreu à porta ao grito do sábio e o proprietário foi em socorro do estudioso pesquisador, ajudou-o e procurou convencê-lo de que não devia expôr-se assim às intempéries.

O dr. Müller contou, então, que alguém o derrubara, ou escorre-

(Conclui na página 198)

29.º – Frederico Guilherme Busch Júnior (1947 a 1951)



Depois de quase um decênio de governo ditatorial, foi restabelecido, no país, o sistema democrático. Promulgada a nova constituição, os Estados e municípios elegeram os seus dirigentes, em pleitos secretos e livres.

Blumenau escolheu, para seu prefeito, o sr. Frederico Guilherme Busch Júnior, que já estivera à frente do executivo municipal de novembro de 1945 a fevereiro de 1946.

Esse prefeito prosseguiu nas obras de remodelação da cidade, dentro das possibilidades orçamentárias e tendo em vista a comemoração do centenário de sua fundação, que ocorreria durante o mandato.

Dentro do programa traçado, construiu a praça Dr. Blumenau, para onde foi mudada a estátua do fundador da cidade que, à falta de

um local mais apropriado então, fôra inaugurada na administração Ferreira da Silva, na entrada da alameda Rio Branco. Foram, igualmente, construídas as praças "D. Pedro II", no bairro do Bom Retiro, "Curt Hering", nesse mesmo bairro e "Coronel Feddersen", em Itoupava-Sêca. A pavimentação da Alameda Rio Branco foi reformada e a rua Nereu Ramos foi calçada a paralelepípedos. Ampliram-se as obras do Hospital "Santo Antônio", construíram-se mais duas salas no Grupo Escolar "Machado de Assis" e vários prédios escolares no interior do município, onde, também, foram feitas dezoito pontes e lançados diversos bueiros. A rua São Paulo teve o seu calçamento continuado, a partir da rua Paraíba.

Esse distinto blumenauense voltou a dirigir o município num segundo período de 5 anos, de 31 de janeiro de 1956 a igual data de 1961.

Nesse segundo período não foi menor a sua atividade frente ao governo municipal. Procedeu ao término e inauguração da grande ponte, iniciada pelo seu antecessor, sr. Hercílio Deeke, ligando a cidade ao bairro da Ponte Aguda; procedeu ao asfaltamento da avenida Amazonas, ao alargamento e calçamento da rua João Pessoa (Velha), presidiu à instalação do Corpo de Bombeiros e da Escola de Enfermagem, anexa ao Hospital Municipal e a vários outros melhoramentos de grande significado para a melhoria do aspecto urbano e a comodidade de seus habitantes.

Durante o seu governo (2 a 10 de setembro de 1950) festejou-se com grande pompa e extraordinário entusiasmo, a passagem do primeiro centenário da fundação de Blumenau. Dois anos antes (30/12/48) fôra desmembrado de Blumenau o distrito de Massaranduba que, com parte do território de Joinville e de Luís Alves, passou a constituir o município de Guaramirim. Em 8/11/1958, grande incêndio destruiu parte do prédio da Prefeitura Municipal, tendo desaparecido todo o arquivo histórico da cidade. Em dezembro desse mesmo ano de 1958, o distrito blumenauense de Rio do Teste é elevado à categoria de município autônomo.

Frederico Busch nasceu em Blumenau a 21 de janeiro de 1899, filho do industrial F.G. Busch e de sua esposa Clara Probst. Fêz seus estudos na então "Escola Nova", depois do que dedicou-se a auxiliar os empreendimentos de seu pai. Construiu o "Cine Busch", uma das melhores casas de espetáculos do sul do país e, durante vários anos, foi gerente do Banco Sul do Brasil, da organização Henrique Lage. Um fato interessante a assinalar na vida desse governante: Foi ele o portador da primeira carteira de *chauffeur* em Blumenau, emitida no ano de 1910, pelo então delegado Tenente Cunha, tendo funcionado como perito o dr. Seph Wierderspahn, único cidadão em Blumenau que sabia dirigir automóveis. Foi presidente do Comitê executivo da Comissão de Defesa do Vale do Itajaí, organizado na reunião dos prefeitos do Vale, de 17 a 20 de agosto de 1957. As atividades do Comitê lograram o interesse do sr. Presidente da República que, em 7/10/57 baixou o decreto 42.423, nomeando um Grupo de Trabalho para estudar a situação da Bacia do Itajaí e que concluiu êsses estudos durante a gestão anterior.

Foram, assim, de grande utilidade para Blumenau os onze anos de administração do sr. Busch Júnior.



(Continuação da página 196:)

gando no barro mole, ou ofuscado pela luz da lanterna e que, em seguida, se puzera a correr, assustado, talvez, com o involuntário acidente... Mas, não fôra nada não, ajuntava o sábio, assim como não fôra o primeiro, não seria também o último escorregão que levara no barro amolecido, nas suas peregrinações noturnas!

Acêsa de novo a lanterna, agradeceu a ajuda e partiu, noite a dentro, patinhando na lama.

Quando os dois filhos mais velhos, depois de algum tempo, voltaram à casa, desistindo, como disseram, do passeio, foi-lhes contado, pelos demais membros da família, a curiosa ocorrência com o dr. Müller. Nem um, nem outro se manifestou sobre o caso.

O mais velho, por mais que tivesse repreendido o irmão, não o denunciaria ao bondoso pai; êste, apesar de bondoso, certamente teria reagido de maneira bem concreta. Resolveu, assim, poupar o irmão do vexame e o pai de um grande desgosto.

O autor da inglória façanha, desenvolveu-se em cidadão honrado, cioso do bem-estar de numerosa família e nunca mais derrubou alguém durante tôda a sua vida, operosa e profícua, que se extinguiu aos 86 anos de idade, e nem jogou algum seu semelhante na lama da estrada da vida, lama que não se tira com um simples banho, como a que sujou as vestes do grande cientista, sem atingir-lhe a reputação e o seu bom nome.

ACONTECEU...

JULHO DE 1961

2 — A imprensa elogia os componentes da atual diretoria do Aero Clube de Blumenau, sob a presidência do sr. Arno Othmar Simmler, que se empenha em dar novo ritmo às suas atividades.

— O colunista dominical da "A NAÇÃO", sr. professor Joaquim de Salles, realça o fato, inédito, segundo afirma, do oferecimento espontâneo dos funcionários municipais, do acréscimo de uma hora de serviço no expediente diário, em reconhecimento pelo aumento de 60% em seus vencimentos.

— O dr. Marcílio Medeiros, digno juiz de direito da primeira vara da Comarca, em artigo na imprensa, lembra o transcurso do 75.º aniversário da instalação da mesma Comarca a 30 de agosto vindouro, lamentando que um centro judiciário da importância do de Blumenau não possua ainda edifício próprio para os seus serviços forenses, como comarcas de menor importância para os cofres públicos, tais como Lajes, Tubarão e outras, que já dispõem. O artigo tem ampla repercussão, merecendo inteiro apoio dos membros da Câmara Municipal.

4 — O dr. Paulo de Freitas Melro, presidente da Comissão de Energia Elétrica de Santa Catarina, fala sobre o problema de energia elétrica no Vale do Itajaí e as medidas em estudo, da parte do governo do Estado, para a solução do caso calamitoso, ficando esclarecido que não é permitida a aplicação de verbas estaduais em em-

Escreve:

CHRIST. DEEKE BARRETO

preendimentos particulares, neste caso a concessionária da região a Empresa Força e Luz Santa Catarina". Na atual situação inflacionária do país, não podem os acionistas empreender obras que poderiam resolver, de momento, o angustioso assunto.

5 — A imprensa divulga a notícia da liberação de 15 milhões de cruzeiros e da abertura de crédito de 30 milhões e respectiva inclusão no orçamento para o próximo exercício, como ainda de uma dotação de 600 milhões de cruzeiros para a conclusão da retificação do trecho da Estrada de Ferro Santa Catarina, Blumenau-Subida, destacando a parcela de 200 milhões para o término das respectivas obras entre Warnow e Subida.

5 — Anuncia a imprensa a vinda, em breve, do dr. Agenor Magalhães, presidente da Sociedade Geográfica Brasileira, a convite do técnico do Jardim Zoológico Hermann Weege, ocasião em que o visitante exibirá filmes coloridos sobre os índios carajás.

13 — Grupo de soldados do 23 R.I., treinados pelo Tenente Armando Firmino Cardoso, da corporação estadual de Bombeiros, para cooperação com a equipe local, fazem interessantes demonstrações dos conhecimentos técnicos adquiridos neste Curso de habilidades no combate a incêndios.

— Importante portaria da Diretoria Federal de Caça e Pesca, proibindo o lançamento de águas poluídas, antes de serem tratadas, de indústrias que trabalham com produtos químicos, a es-

Para o nosso arquivo

O dr. Carlos Ficker, nosso prezado amigo e colaborador muito criterioso, teve a feliz lembrança de oferecer ao nosso arquivo um original de salvo-conduto, emitido pelo Consulado Alemão em Blumenau, então dirigido pelo Cônsul sr. Victor Gaertner, a 10 de julho de 1883. Muito estimamos o presente que vem enriquecer o nosso arquivo. Apresentamos ao sr. dr. Ficker, a quem já devemos muitas gentilezas, os nossos sinceros agradecimentos.

gotos que conduzam a rios e ribeirão, é publicada e mandada ainda, através do governo municipal, a todas as firmas para evitar a morte de peixes em massa, como já tem acontecido várias vezes.

22 — Em benefício da Sociedade Dramático - Musical "Carlos Gomes", é levada à cena a peça "O IMIGRANTE", musicada pelo maestro Heinz Geyer e texto, em poesia, pelo sr. Francisco Runze, espetáculo que se constitui em pleno êxito. A peça, já representada em 1926, sofrera remodelação, com o acréscimo de vários cantos, nos quais se realça, em solos e duetos, a voz maravilhosa da sra. Rita Schwabe.

— Portaria do sr. dr. Promotor da 2.^a Vara, dr. Bayer, no sentido do cumprimento, por parte das casas de diversões, das determinações que proíbem a entrada de menores nos cinemas, bares e sinucas etc.

25 — Festividades do DIA DO COLONO — Os jornais publicam artigos e crônicas a propósito da data, em edições especiais. Muitas sociedades recreativas realizam "bailes dos Colonos". No mesmo dia transcorre o DIA DO MOTORISTA, comemorado pela classe com um imponente desfile pelas ruas principais da cidade e churrascada de confraternização.

27 — Cerca de 70 sacerdotes da Diocese de Joinville, a que pertence a nossa cidade, estiveram aqui reunidos, em conferência, sob a orientação do Bispo de Joinville, Dom Gregório Warmeling. Aqui também esteve o bispo de Lajes, Dom Daniel Hostin, que passou uns dias internado no Hospital Sta. Isabel, em tratamento de saúde.

— Tendo ocorrido o infausto falecimento do cientista Couto de Magalhães, que deveria visitar o Jardim Zoológico Hermann Weege, os jornais noticiam que é provável que outra figura do mundo científico brasileiro, venha fazer a visita programada pelo primeiro.

28 — O G.E. Olímpico homenageia o dr. Osny Kirsten, seu presidente, por motivo de sua remoção do cargo de Delegado Seccional do Imposto de Renda em Blumenau, para o Estado de São Paulo. Durante o jantar realizado, falaram F.C. Allende, dr. Osny Rodrigues, Durval Leão, Walmore Beduschi, Tte.-Cel. Paulo Paim, Cel. Newton Machado e Cássio Medeiros, além do homenageado.

— Durante o mês continua a angariação de cobertores e agasalhos, iniciada no mês passado, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal, em cooperação com as sociedades locais e de toda a população. A respectiva distribuição e a entrega é feita diretamente nos domicílios dos necessitados, para evitar a intervenção de aproveitadores e pobres disfarçados, pelo oficial de gabinete do sr. Prefeito Municipal, incumbido, também, da parte da propaganda através do Rádio. Acompanharão nas excursões aos bairros para a entrega aos pobres, a senhora presidente da Campanha de Solidariedade Humana e outra senhora da diretoria desta, bem assim representantes das demais sociedades beneficentes.

— Outra ação memorável do mês foi o serviço dos pré-missionários, preparadores do ambiente para as grandes missões a serem realizadas em agosto. Irmãs missionárias visitam as famílias, a imprensa falada e escrita. Escritores e colonistas locais emprestam a sua pena à grande causa. Autoridades como o dr. Marcílio Medeiros, juiz de Direito, escrevem sobre o assunto.

— Também o Sínodo Evangélico de Santa Catarina e do Paraná, cujo encontro é marcado para os dias 4, 5 e 6 de agosto, com reuniões das representações das comunidades reunidas neste Sínodo, e solenidades e comemorações programadas, para a ocasião encontra eco na imprensa local, que cita, com simpatia, o próximo acontecimento.

EMPRESA INDUSTRIAL GARCIA S.A.

BLUMENAU

S. Santa Catarina

Esritório e Fábrica:

RUA AMAZONAS, 3906 — G. GARCIA

Enderêço telegráfico: GARCIA

CAIXA POSTAL, 22

FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA

LENÇOS — ROUPÕES — ATOALHADOS

TOALHAS ADAMASCADAS — CRETONES

OUTROS TECIDOS

IMPRESSOS EM GERAL

GRÁFICA 43 S/A INDÚSTRIA
E COMÉRCIO

OFICINAS E ESCRITÓRIO :

RUA 7 DE SETEMBRO, 10

CAIXA POSTAL, 90

TELEGRAMAS: "IMPRESSORA"

BLUMENAU — **Sta. Catarina**

★ LITOGRAFIA

★ FOTOLITOGRAFIA

★ OFFSET

★ TIPOGRAFIA

FABRICAÇÃO DE CAIXAS DE PAPELÃO
CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS